

FACULDADE AMADEUS

MARIA ANDRÉA SOUZA DE ANDRADE NASCIMENTO

INCENTIVAR A PAIXÃO PELOS LIVROS: ATIVIDADES EM SALA DE AULA

**ARACAJU SE
2014**

MARIA ANDRÉA SOUZA DE ANDRADE NASCIMENTO

INCENTIVAR A PAIXÃO PELOS LIVROS: atividades em sala de aula

Monografia, apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos

**ARACAJU SE
2014**

**Ao meu esposo José Leonardo, por ter me auxiliado em cada momento da minha caminhada, me incentivando a não desistir nos momentos que mais precisei do seu carinho e apoio.
Aos meus três filhos, André, Beatriz e Daniel, fonte de inspiração para que o projeto fosse executado.**

AGRADECIMENTOS

A realização deste projeto somente foi possível graças a algumas pessoas que puderam voltar um pouco de sua atenção para mim, dedicando-se e participando da minha vida. Não teria como resumir a gratidão que devo a eles em somente algumas linhas, mas quero deixar registrado o meu amor e afeto:

À Virgem Santíssima, que desde meu nascimento esteve presente em minha vida, encaminhando-me para trilhar os caminhos que seu Filho Jesus sonhou para mim.

Aos meus pais, José e Marinalva, que souberam me educar dentro de princípios e valores morais, que cultivo até os dias de hoje, um tesouro que ninguém me tira.

Ao meu amado esposo e eterno namorado José Leonardo. O cuidado e carinho de Deus ultrapassou o que eu podia imaginar ao ter me colocado ao seu lado. Meu esposo, que sempre me apoiou nos meus estudos, me incentivando quando me faltavam forças para caminhar. Passou momentos bons e ruins ao meu lado. Não canso de falar: “Meu professor de todas as matérias”.

Aos meus filhos, André Leonardo, Beatriz e Daniel. Tão pequenos e me ensinando a ser grande. Minhas fontes de inspiração para a realização deste trabalho de leitura, pequenas crianças, grandes leitores.

Às minhas amigas: Crislaine e Zuliná. Assim diz a Palavra de Deus: “Quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro”. Através delas pude realizar a pesquisa de campo. Durante os dez dias do projeto elas cederam uma parte do seu tempo para me ajudar no que fosse preciso para que as coisas pudessem acontecer.

À professora e orientadora Dra. Maria Auxiliadora Santos. Desde quando nos conhecemos, me ensinou a adentrar o mundo da pesquisa e o meio que mais amo: a educação. Não esquecerei suas palavras sábias que compartilhou comigo para que eu não desistisse de meus sonhos.

“É necessário formar leitores apaixonados pela leitura.”

Ângela Kleiman

N244i Nascimento, Maria Andréa Souza de Andrade
Incentivar a paixão pelos livros : atividades em sala
de aula / Maria Andréa Souza de Andrade
Nascimento. – Aracaju, 2014.
45f.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos.
Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2014.

1. Pedagogia 2. Estratégia – leitura 3. Literatura
I- Santos, Maria Auxiliadora (orient.) II- Título

CDU: 37 (043.2)

MARIA ANDRÉA SOUZA DE ANDRADE NASCIMENTO

Monografia apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador: Prof. Williams Santos

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos

Professor Convidado

Aprovada com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de 2014.

RESUMO

Esta monografia apresenta os resultados de uma pesquisa-ação realizada com crianças de onze a doze anos, alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Aracaju/SE. A pesquisa teve como objetivo estimular a formação leitora dos alunos por meio de diversas atividades realizadas em sala de aula. A questão central desta pesquisa foi: É possível, por meio de diferentes atividades, incentivar o aluno a ter gosto pela leitura e desenvolver as suas próprias estratégias de leitura? Foram utilizados livros infantis e histórias em quadrinhos. Os principais teóricos que serviram como base para o desenvolvimento do projeto foram Isabel Solé e Ezequiel Theodoro da Silva. A monografia aborda os resultados obtidos por meio das várias etapas do projeto e das diversas atividades de leitura utilizadas. Dentre as conclusões do trabalho, destaca-se que o projeto foi bem sucedido no sentido de que as atividades ajudaram os alunos a desenvolver estratégias de leitura, ao mesmo tempo em que despertaram neles o gosto pela leitura, pois eles se mostraram interessados pelos livros e tomaram a iniciativa de levar livros para casa. Além disso, as crianças venceram a timidez e passaram a expressar sua opinião, bem como começaram a trabalhar melhor em grupo.

Palavras-chaves: Estratégias de leitura. Literatura.

ABSTRACT

This monograph presents the results of a research conducted with children of eleven to twelve years, 4th graders of elementary education in a public school in Aracaju/SE. The research aimed to stimulate the students to become readers through a variety of reading activities. The central question of this research was: Is it possible to use reading activities to encourage students to take interest in reading and to develop their own reading strategies? Children's books and comic books were used. The main theorists who served as basis for the development of the project were Isabel Solé and Ezequiel Theodoro da Silva. The paper discusses the results obtained through the various stages of the project and the various reading activities used. Among the conclusions of the paper, is the emphasis that the project was successful in the sense that the activities helped the students to develop reading strategies, and, at the same time, awakened a love for reading in the students, as they were interested in the books and took the initiative to take books home. In addition, children overcame shyness, and began to express their opinions, and began to work better in groups.

Key-words: Reading strategies. Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Apresentação do baú de leitura..... | 27 |
| Figura 2 - Alunos ouvindo a contação de histórias | 31 |
| Figura 3 - Canteiro solidário | 33 |
| Figura 4 - Criança lendo com atenção | 34 |
| Figura 5 - Criança produzindo conto | 36 |
| Figura 6 - Primeira parte do conto "Perigo no mar" | 37 |
| Figura 7 - Segunda parte do conto "Perigo no mar" | 37 |
| Figura 8 - Terceira parte do conto "Perigo no mar" | 38 |
| Figura 9 – Ilustração da aluna Rafaela (nome fictício) para representar o conto “O mistério do coelho pensante”, de Clarice Lispector | 38 |
| Figura 10 - Conto “Caçadores de Aventuras” | 39 |
| Figura 11 - Tapete da leitura | 40 |
| Figura 12 - Dicionário móvel | 41 |
| Figura 13 - Crianças organizadas para o teatro | 43 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 AFINAL, O QUE PODEMOS CONSIDERAR UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA? | 14 |
| 3 INCENTIVANDO O AMOR PELA LEITURA | 16 |
| 4 ORIGEM DO PROJETO | 19 |
| 5 METODOLOGIA UTILIZADA | 22 |
| 5.1 Conhecendo a Instituição | 22 |
| 5.2 O Projeto | 23 |
| 6 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO | 26 |
| 6.1 Primeiro dia | 26 |
| 6.2 Segundo dia | 28 |
| 6.3 Terceiro dia | 31 |
| 6.4 Quarto e quinto dias | 32 |
| 6.5 Sexto dia | 33 |
| 6.6 Sétimo dia | 36 |
| 6.7 Oitavo dia | 40 |
| 6.8 Nono e décimo dias | 42 |
| 7 CONCLUSÃO | 44 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 48 |

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os resultados do exame de 2012 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), os alunos brasileiros ocupam os últimos lugares no *ranking* educacional nas áreas de matemática, ciências e leitura (OCDE, 2012). Em relação ao teste de leitura, o relatório conclui o que segue:

Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 de teto. Isso significa que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem. (UOL EDUCAÇÃO, 2013, p.1)

Por esse motivo, é fundamental que os estudantes desenvolvam o hábito de leitura. Na escola, o principal responsável para incentivar a criança é o professor. Como diz Nascimento (2013, p. 15), “a leitura dá suporte ao aluno, não somente para entendimento da disciplina Português, mas também de todas as matérias que fazem parte do currículo escolar”. Assim, esta pesquisa mostra-se fundamental, porque apresenta atividades que podem ser utilizadas por professores na sua rotina em sala de aula.

De modo geral, o hábito da leitura se consolida nas crianças desde pequenas, ou seja, desde que o aluno está no jardim de infância até o fim da sua vida, por meio da prática diária. A prática da leitura está vinculada a várias fontes: Internet, telefone, tablet, jornal, revista, enfim, a uma infinidade de conhecimentos e informações. Não podemos pensar, portanto, que está somente nos livros. Neste sentido, Bräkling (2004, p.1) afirma o que segue: “Na sociedade letrada, como a nossa, esse processo de apropriação está inteiramente ligado ao conhecimento da linguagem escrita, sobretudo no que se refere à leitura”.

É papel do professor ajudar o aluno a ser formado como leitor apto. Neste sentido, de acordo com Kleiman (1993, p. 15), é necessário “formar leitores apaixonados pela leitura”.

Formar leitores apaixonados pela leitura, entretanto, não é tarefa tão simples. Jolibert (1994, p. 19) apresenta o seguinte quadro com doze regras para tornar difícil a aprendizagem da leitura:

Quadro 1: Como tornar difícil a aprendizagem da leitura

1. *Tenha como finalidade o domínio precoce das regras de leitura.*
2. *Cuide para que a fonética seja aprendida e utilizada.*
3. *Ensine as letras ou as palavras, uma por uma, certificando-se que cada letra ou palavra é adquirida antes de passar para a seguinte.*
4. *Tenha como objetivo principal uma leitura palavra por palavra perfeita.*
5. *Não deixe as crianças adivinharem; pelo contrário, cuide para que elas leiam com atenção.*
6. *Encoraje a falta de erros.*
7. *Proporcione um feedback imediato.*
8. *Detecte e corrija os movimentos incorretos dos olhos.*
9. *Identifique os eventuais disléxicos e trate-os o mais cedo possível.*
10. *Certifique-se de que as crianças aprendam a importância da leitura e a gravidade do fracasso.*
11. *Aproveite as aulas de leitura para melhorar a ortografia e a expressão escrita; insista também para que os alunos falem o mais corretamente possível.*
12. *Se o método utilizado não lhe satisfizer, tente outro. Esteja sempre alerta para achar material novo e técnicas novas.*

Fonte: JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994.

O objetivo da pesquisa foi estimular a formação leitora dos alunos por meio de diversas atividades realizadas em sala de aula. A questão central desta pesquisa foi: É possível, por meio de diferentes atividades, incentivar o aluno a ter gosto pela leitura e desenvolver as suas próprias estratégias de leitura?

Assim, é necessário que o professor esteja atento para que, na sua tentativa de ensinar as crianças a ler, não crie nelas uma resistência ao hábito da leitura. Por conta disso, o projeto teve o propósito de ajudar os alunos por meio de diversas atividades, como por exemplo: cartaz enigmático, leituras diversas e varal de histórias. Algumas atividades foram desenvolvidas com os alunos, no intuito de promover a compreensão leitora. A utilização das atividades ajudaram os alunos a interpretar os textos e identificar os possíveis caminhos nos quais eles poderão ter dificuldades, além de auxiliá-los a desenvolver as suas próprias estratégias de leitura.

2 AFINAL, O QUE PODEMOS CONSIDERAR UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA?

De acordo com Solé (1998, p. 69), estratégias de leitura, ou “estratégias de compreensão leitora” são “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a ser realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.” É importante esclarecer também que “as estratégias de leitura são mecanismos individuais que o leitor desenvolve, ao longo de sua vida, para obter uma informação por meio do ato de ler” (SOUZA, 2009, p. 81).

A publicação do Ministério da Educação “Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado – Alfabetização” diz que “uma estratégia de leitura é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação” (BRASIL, 1999, p. 67).

Deve predominar, entre os alunos, ao se aplicar atividades que visem auxiliá-los a desenvolver estratégias de compreensão leitora:

A construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. Por esse motivo, ao abordar estes conteúdos e ao garantir sua aprendizagem significativa, contribuimos com o desenvolvimento global de meninos e meninas, além de fomentar suas competências como leitores (SOLÉ, 1998, p. 70).

Souza (2009, p. 81), citando autores como Isabel Solé, Frank Smith e Mary Kato, diz que as estratégias empregadas por um leitor são:

a) Previsão ou antecipação

A previsão é o núcleo da leitura. Todos os esquemas, scripts e cenários que temos em nossas cabeças – nosso conhecimento prévio de lugares e situações, de discurso escrito, gêneros e histórias – possibilitam-nos prever quando lemos e, assim, compreender, experimentar e desfrutar do que lemos (SMITH apud SOUZA, 2009, p. 62).

b) Inferência

Inferir é uma estratégia que permite aos leitores considerar o texto sob uma nova perspectiva de seu conhecimento prévio e criar sentidos únicos através de informações que não foram dados pelo autor, ou seja, são aquelas informações que não estão explícitas, mas que os alunos podem ler nas entrelinhas, quer dizer, é por essa estratégia que o leitor poderá ler os silêncios trazidos nas obras literárias (OWOCHI apud SOUZA, 2009, p. 64).

c) Verificação

Tornam possível o controle da eficácia ou não das demais estratégias, permitindo confirmar, ou não, as especulações realizadas. Esse tipo de checagem para confirmar – ou não – a compreensão é inerente à leitura (BRASIL, 1999, p. 67).

d) Seleção

A estratégia de seleção permite “que o leitor se atenha apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes” (BRASIL, 1999, p. 67). Esta estratégia é aplicada pelos leitores quando estes escolhem o que é relevante e descartem o que é irrelevante durante a leitura (SOUZA, 2009, p. 91).

Desta forma, “essas estratégias devem fornecer às crianças informações sobre o que saber e o que fazer, conforme os elementos propostos” (SOLEÉ apud SOUZA, 2009, p.61). Assim, cabe ao professor ajudar os alunos, através das atividades na sala de aula, no entendimento da leitura.

Tendo em vista esta perspectiva, a pesquisa consistiu na aplicação, ao longo dos dez dias, de atividades pensadas com o propósito de auxiliar os alunos a desenvolver suas estratégias de leitura.

3 INCENTIVANDO O AMOR PELA LEITURA

Quando a criança está no ventre materno, cria um vínculo afetivo com a mãe. Ou seja, desde a nossa formação como pessoa criamos vínculos afetivos, nos envolvemos afetivamente com outra pessoa. Depois que a criança nasce e literalmente se separa da mãe (quando o cordão umbilical é cortado), terá que deixar o conforto do útero da mãe para nascer em outro mundo. O choro vai ser seu primeiro sinal de que está querendo aquela proteção de antes, mas ela vai ter que aprender a ser independente para criar autonomia.

O vínculo afetivo continuará fundamental na vida da criança, até porque ela aprendeu, no útero da sua mãe, o que é afetividade. Uma das diferenças do mundo do útero para o mundo exterior é que no segundo caso, mais pessoas vão se envolver com a criança e tudo à sua volta precisa estar cheio de amor, carinho afeto, ternura. Percebe-se, então, que a afetividade é construída gradativamente dos menores até os maiores envolvimento. A pessoa não se desenvolve por si só, ela não é uma ilha, precisa de estímulos para que possa seguir o percurso natural da vida:

[...] o cérebro, por si só, não se desenvolve isoladamente. É necessário que exista informação e, principalmente, a oportunidade de chegar até ela. Todo vínculo é uma relação, mas nem toda relação é um vínculo. Para ser um vínculo, é necessário que seja duradouro, honesto e estável. (FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL, 2012, P.1).

Dentro da sala de aula percebemos que a afetividade está envolvida em tudo que envolve o ensino, seja na relação professor x aluno, seja no conteúdo estudado. Com isso, é de suma importância que o professor, como espelho para os discentes, busque levantar a autoestima dos alunos. Isso significa estar com o aluno, ajudando-o a entender que seus limites podem ser superados, estimulando o aluno a aprender mais.

Autoestima e autoconceito da pessoa do aluno estão fortemente relacionados com o que ele sente como aprendente. Trabalhar a autoestima significa, então, fazer com que ele aprenda, perceba que aprendeu, sinta orgulho de ter aprendido e, a partir daí, sinta-se capaz de aprender mais. (PRANDINI apud LEITE, 2004, p. 41)

Quando a criança ainda está no jardim de infância, pode desfrutar de algumas historinhas infantis, como Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela e a

Fera, Rapunzel etc. e muitas outras histórias clássicas. Após o aluno chegar a séries mais avançadas, esses valores vão sendo substituídos por coisas “mais importantes”, como escrever no livro didático, decorar contos, enfim, o ensino estará mais voltado para aquilo que lhe trará notas.

Isso nos remete àquilo que Paulo Freire chamou de “Educação bancária” através da qual o professor simplesmente desembulha um conjunto de informações orais ou escritas, para encher a cabeça dos alunos. (SILVA, apud FREIRE, 2005, p.4)

O incentivo à leitura é um processo que precisa ser conquistado junto ao aluno. Não se pode amar aquilo que não se conhece. Cada indivíduo tem seu espaço e tempo para criar o gosto pela leitura. Gostar de ler não está necessariamente vinculado ao meio social ou dom ou herança, como afirma SILVA (2005, p.47): “Erra quem pensa que a leitura é uma questão de dom, genética ou passe de mágica”. Pelo contrário, o hábito da leitura está relacionado a influências de pessoas, decisões que a pessoa vai tomando quando se interessa por algum livro, de forma que vão surgindo outros livros, ou até mesmo a forma como o aluno foi alfabetizado na escola.

Aprende-se a ler vendo outras pessoas lerem, prestando atenção às leituras que elas leem, experimentando e errando. Se desde pequena a criança tiver contato com a leitura, sendo estimulada por aqueles que com ela convivem em casa e na escola, são grandes as chances de ela ser uma leitora efetiva e assídua. (KRETZMANN, 2006, p.394)

Na alfabetização está a base de toda a formação adulta do indivíduo. Nesta fase os professores poderiam aproveitar para incentivar os discentes a criarem o hábito de ler. Há muitos exemplos de professores que tentam isso. Um caso muito comum é o de professores que enfeitam a sala de aula com decorações coloridas, criam na sala um canto de leitura, caixas da leitura, gibitecas etc. Estas iniciativas estão de acordo com o pensamento de CRAMER e CASTLE (2001, p. 47), que dizem que a leitura pode ser incentivada direta ou indiretamente.

Transcrevo a seguir um depoimento bastante interessante, nesta ótica, de uma colega (que aqui chamarei pelo nome fictício de Carla):

Aprendi a gostar de ler porque eu tinha um professor que todos os dias deixava um livrinho em cima do seu birô. Como me chamava a atenção, eu comecei a querer experimentar também aquilo. E fui seguindo o exemplo do meu professor. Quando os anos se passaram tive a oportunidade de revê-lo, falei pra ele sobre aquela atitude e disse que por conta disso sou uma leitora assídua e devia muito a seu exemplo. O professor disse que não lia todos aqueles livros, era

proposital para provocar nos alunos exatamente o que aconteceu com ela.

O importante na sala de aula, tanto quando se trata de leitura, como da produção de textos não é forçar o aluno a escrever até cansar ou fazê-lo decorar, mas cultivar o gosto da leitura, para que o aluno vá descobrindo porque é importante ler e para que serve a leitura, que abrirá novas possibilidades para que o discente aprenda com prazer. “A escola além de contribuir para a formação da leitura pode exercer um papel crucial na formação do não leitor”. (KRETZMANN, 2006, p. 393)

O prazer de ler não será despertado no aluno somente a partir da boa vontade do professor em preparar uma belíssima aula conteudista, não permitindo que a compreensão dos textos seja democraticamente compartilhada com os educandos. Como ensina SILVA (2005, p.22), a chave de interpretação de textos estará “prefixada” num roteiro de leitura que estará num livro didático ou na própria interpretação do professor.

Os alunos precisam muito mais do que decorar ou copiar, eles precisam também de ser formados como leitores e como cidadãos mais críticos. “Não se ensina uma criança a ler: é ela quem se ensina a ler com a nossa ajuda e a de seus colegas e dos diversos instrumentos da aula, mas também dos pais e de todos os leitores encontrados”. (JOLIBERT, 1994, p. 14).

4 ORIGEM DO PROJETO

No ano de 2013, tive a oportunidade de fazer um estágio em uma das escolas municipais da cidade de Aracaju. Ao chegar nessa escola e fazer o diagnóstico da turma, antes mesmo de pensar no projeto de leitura, percebi que somente um terço da turma estava realmente letrada e alfabetizada, dentro do conceito apresentado por Soares (*apud* CARVALHO 2013, p. 65): “Alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita”.

Por se tratar de uma turma do segundo ano do ensino fundamental, preoquei-me, já que poucos realmente estavam acompanhando os assuntos. Em meio a essa preocupação, veio a necessidade de ajudar os alunos. Daí nasceu meu primeiro projeto de leitura, “E lá vem leitura: trabalhando Clarice Lispector com crianças”. No início, foi difícil já que eu não tinha muita prática, mas procurei ajuda em alguns autores, como Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Não consegui atingir o maior objetivo, que era deixar todos os alunos letrados, mas pude ajudá-los a trilhar esse caminho, ou seja, “dei a rede e ensinei-os a pescar”.

Após essa experiência desafiadora, por ocasião de outro estágio, eu estava lendo o livro “Estratégias de leitura”, de Isabel Solé. Interessei-me pelo livro e tive a ideia de elaborar um projeto de leitura para que o estágio fosse pautado em algumas propostas didáticas para a compreensão da leitura.

O estágio supervisionado curricular em Ensino fundamental é uma disciplina obrigatória que faz parte da matriz curricular, tendo em vista contribuir para melhoria qualificada para a formação. Tem como finalidade aproximar o aluno de umas das realidades na qual irá atuar, colocando em prática tudo o que foi desenvolvido na teoria em sala de aula.

Esse período de estágio é caracterizado como o período mais importante para o estudante do curso de Pedagogia. O estudante vai fazer uma relação do que foi aprendido na teoria e colocar em prática esses conhecimentos em sala de aula de forma contínua e prazerosa.

A formação envolve um duplo processo: o de auto formação dos professores a partir da reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nos contextos escolares, e o de formação nas instituições escolares onde atuam. Segundo a autora Pimenta, é muito importante

tornar a escola como espaço de trabalho e de formação, atuando na área e obtendo diagnóstico solucionável e reflexivo (PIMENTA, 2004, p.68).

Essa disciplina é para o estudante do curso de pedagogia conhecer a si mesmo e a sua futura profissão e ter a certeza que está diplomado a exercê-la e esse conhecimento somente é explícito quando elaboramos e vivenciamos.

O período de estágio ao ser realizado passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor/aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas, de seus alunos, que nesse mesmo período vão vivenciar esse desafio juntos. (PIMENTA, 2004, p.127)

É muito comum ouvir pessoas ou até mesmo profissionais da área de educação distinguirem a teoria da prática. A prática e a teoria, contudo, não se separam, porque um está interligado ao outro, se complementando para atingir um resultado satisfatório. De acordo com Pimenta:

A prática é o ponto de partida e de chegada. A consequência disso é que ninguém se tornará profissional apenas porque sabe sobre os problemas da profissão, por ter estudado algumas teorias a respeito (PIMENTA, 2004, p. 69).

Para o aluno que vai exercer a profissão de professor é de fundamental importância exercer a prática, para poder ser um bom profissional na área. A prática do professor está além de uma simples prática de execução de técnicas. O professor vai exercer uma prática social, sendo que esta se relaciona com a realidade daquelas pessoas que compõem a escola.

É importante também destacar a necessidade de que o profissional da educação tenha em sua área cursos de aperfeiçoamento, porque é justamente nos cursos que ele, além de estar se atualizando profissionalmente, vai poder desenvolver melhor seu trabalho.

O professor pode ser um revolucionário que estará contribuindo para uma mudança nas realidades nas quais ele está inserido. Se o docente é formado com esse intuito, sabendo de suas obrigações e da sua importância, a questão da prática começa a ganhar outro sentido. Pois, como diz Carmo (1987) *apud* Pimenta (2004, p. 67):

É preciso repensar novos conteúdos e novas formas de formar o professor para que entenda sua prática profissional, antes de tudo, como prática social. Ou seja, por sua profissão o professor pode modificar e contribuir para a realidade.

O estágio é tão significativo e importante para o profissional quanto para o aluno que estará se formando. O profissional experiente estará se reciclando, já que o estagiário trará novidades na área da educação, experimentando a realidade em trabalhar com crianças até a quarta série, e o estagiário estará tendo a oportunidade de aprender com esse profissional que tem anos de experiência. Tudo estará sendo aproveitado, já que o campo da educação é contínuo, ou seja, sempre estamos aprendendo coisas novas e diferentes para desenvolver um melhor aprendizado para o aluno.

Lequerica (1983) *apud* Pimenta (2004, p. 68) propõe algumas práticas considerando alguns fatores citados acima:

O último ano do curso seja inteiramente voltado para a prática de estágio. Para os professores em serviço fala-se em reciclagem e aos novatos propõe-se um sistema de tutoria a ser feito por professor mais experiente (1983, p.75).

Em nenhum momento o estágio é considerado desprezível. Não podemos considerar que somente a teoria é importante sem que haja a prática. Não podemos ficar apenas no mundo teórico; é necessário que queiramos transformá-lo, ir para a ativa orientada pelo orientador do estágio que projetará uma luz na teoria e ajudará a projetar novos conhecimentos a partir da prática.

5 METODOLOGIA UTILIZADA

5.1 Conhecendo a Instituição

A escola onde se aplicou a pesquisa situa-se em Aracaju SE e oferece à comunidade o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano. Atualmente, funciona com 9 turmas e 11 professores, além de uma equipe diretiva composta de: uma diretora, uma coordenadora, uma secretária e um oficial administrativo. Conta ainda com um vigia, uma merendeira e uma auxiliar de serviços básicos.

Como público-alvo tem crianças e adolescentes considerados de baixa renda, na sua maioria filhos de empregadas domésticas provenientes de diversos bairros da capital de Aracaju. O relacionamento escola e família é harmonioso e acontece através das reuniões de pais e mestres que são realizadas a cada dois meses ou dependendo da necessidade. Além disso, há um representante dos pais que participa ativamente do comitê pedagógico.

Quanto à estrutura física, apesar de ter passado por reforma há mais de três anos, as condições do espaço escolar são aceitáveis. A escola é composta por departamentos: nove salas de aula, uma sala de direção, uma sala de coordenação, um consultório médico, quatorze banheiros, um refeitório, uma mini quadra, dois depósitos, um pátio coberto e uma sala de balé.

O controle de frequência dos alunos é realizado a partir do diário de classe com chamadas todos os dias.

O principal objetivo da escola é promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, através de novas propostas pedagógicas construídas de forma coletiva pelos segmentos que compõem a comunidade escolar, com o propósito de assegurar a formação do cidadão integral, crítico e ético, para que seja possível atuarem de forma ativa nas questões sociopolíticas de sua comunidade.

A turma observada foi o 4º ano, com as idades entre 9 e 13 anos. Por se tratar de uma instituição filantrópica, o SESC com o projeto Mesa Brasil, tem uma parceria com a creche, distribuindo alimentos saudáveis como frutas e legumes para as crianças.

A escola funciona em dois turnos: no turno da manhã, as crianças têm aula normalmente com os professores. O pagamento desses professores é feito pela

prefeitura ou pelo estado. No turno da tarde, os discentes têm aula de banca e participam de oficinas. Nesse turno os oficinairos e estagiários são pagos com uma contribuição feita pelos pais. A taxa é equivalente a setenta reais pagas mensalmente.

Os pais que não podem fazer essa contribuição contribuem com serviços voluntários. Desta forma, o responsável assina um termo de compromisso por meio do qual se compromete a pagar a mensalidade através de serviços prestados à instituição uma vez na semana. Existem pais que pagam fazendo faxina, serviços elétricos ou serviços de pintura. Além desses serviços prestados pelos pais, existem outros serviços, como uma médica pediátrica que atende com hora marcada uma vez por semana no turno da manhã as crianças que precisam de atendimento clínico. Por sinal, no primeiro dia de matrícula, os pais já são avisados e assinam uma ficha médica com todos os dados da criança para que ela possa ser atendida.

A partir dos conceitos abordados acima, saber a respeito da instituição e da sua organização foi importante para que eu pudesse desenvolver o projeto de leitura de forma mais consistente. À medida em que fui sabendo a respeito de como se estruturava a instituição percebi que faltava uma sala de leitura adequada para as crianças, pois a sala que se destina a isso é dividida com outro espaço onde se encontrava algumas caixas velhas e outros objetos empoeirados.

Os livros ficam em duas prateleiras sem o mínimo de organização, as crianças não visitam o espaço e os próprios professores também não se interessam para que isso seja diferente. A expectativa da escola é que esse espaço seja preenchido por computadores que estavam sendo providenciados pela secretaria de educação.

5.2 O Projeto

O projeto, como já foi explicado, teve como propósito influenciar o aluno através de diversas atividades que seriam desenvolvidas, para mostrar a importância da leitura e o quão agradável e gostoso é ler. Para isso foi necessário usar algumas atividades para que os alunos pudessem compreender os textos, criarem habilidades específicas individualmente que os ajudem a compreender diferentes tipos de textos.

A atividade incluiu a utilização de várias obras como, por exemplo:

- *A formiguinha medrosa, de Valério Belém (2007);*
- *Chapeuzinho amarelo, de Chico Buarque (2004);*
- *A descoberta da joaninha, de Belbah Leite Cordeiro (2007);*
- *O mistério do Coelho pensante e outros contos, de Clarice Lispector (2010);*
- *Algumas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Souza.*

Ao todo, foram utilizados 27 livros e 20 revistas em quadrinhos. Foi necessário usar uma metodologia diferenciada para cada livro que foi selecionado para fazer parte da proposta da atividade da leitura. Verifica-se, portanto, que é importante que no caso de um trabalho com esse tipo de ensino estratégico haja flexibilidade, conforme destacado por Solé (1998, p. 69):

Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolve auto direção – a existência de um objetivo e a consciência de que este objetivo existe- e autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade.

No desenrolar do projeto, de acordo com cada leitura, houve alguns questionamentos dirigidos aos alunos:

“O que aconteceu com o começo da história?”

“Tem alguma palavra na história que vocês não conhecem?”

“O que faz um autor e um ilustrador?”

“Porque é importante lermos?”

“Quantos livros vocês já leram?”

A formulação de questões é necessária para que o aluno compreenda o texto e para que ele mesmo se perceba diante daquilo que está lendo. O aluno precisa saber por que está lendo e também aportar os conhecimentos prévios que ajudaram a compreensão do texto. Para isso, destaco dois pontos cruciais na compreensão do que se lê, conforme aponta Solé (1998, p.73):

Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Quando o aluno se pergunta: porque tenho que ler? Para que? Ou o que tenho que ler?

Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Quais conteúdos são importantes para mim nesse texto? Que outras coisas podem me ajudar a compreender esse tipo de texto? Existe alguma coisa que sei que pode me ajudar a fazer uma ponte de ligação nas minhas leituras?

A leitura é um processo que ocorre de forma individualizada, já que somos seres que pensamos de maneiras diferentes, viemos de culturas diferentes, nascemos em famílias diferentes. Até mesmo pessoas da mesma família pensam de forma diferente.

O que não espero é que todos interpretem a mesma coisa, pois a compreensão que cada um realiza depende do texto que tem à sua frente, mas também depende muito de outras questões, próprias do leitor, entre as quais gostaria de ressaltar pelo menos as seguintes: O conhecimento prévio para abordar a leitura, os seus objetivos e a motivação com respeito a essa leitura. (SOLÉ, 1998, p.40)

Somos como uma orquestra, cada um dos instrumentos segue um ritmo, reproduz um som diferente. Numa orquestra há instrumentos pequenos e grandes, mas fará uma enorme diferença se o menor deles faltar, ou seja, a orquestra deixará de ser uma orquestra.

É importante frisar que o projeto pode ajudar os alunos a desenvolver dia após dia a concepção do valor de lermos e de criarmos o hábito da leitura, sempre respeitando o ritmo de cada discente e seu gosto de leitor.

Tornar-se um leitor realmente apaixonado pela leitura, contudo, requer tempo e paciência. Mesmo considerando que o tempo em que apliquei o projeto com a turma foi curto, posso afirmar que pude contribuir para o desenvolvimento e ampliação dos seus horizontes enquanto leitores.

6 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

As estratégias de leitura aparecem integradas em todo o processo que os alunos foram percorrendo no decorrer do projeto de leitura. Por isso, segundo Isabel Solé (1998. p.75) “O ensino da leitura pode e deve ocorrer em todas as suas etapas” (antes, durante e depois).

Assim o projeto também, seguindo esses critérios acima, se dividiu em três partes:

a) **antes da leitura**, quando o aluno é motivado a ler – a principal estratégia utilizada pelos alunos nesta fase é a previsão ou antecipação;

b) **durante a leitura**, quando o aluno irá formular hipóteses e buscar compreender o que está lendo – nesta fase, o aluno utiliza principalmente a inferência e a seleção;

c) compreendendo e aprendendo **depois da leitura** – nesta fase são utilizadas pelos alunos as estratégias de verificação e também de seleção.

Antes mesmo que eu fosse conhecer os alunos, conheci a secretaria da escola e todo o corpo de funcionários que faz parte dela. Conheci também a parte estrutural e tudo que estava relacionado à história da instituição. Este conhecimento prévio foi fundamental para que eu pudesse conhecer os alunos e a forma como eles trabalham.

Seguindo esses critérios acima, procurei entender como era o vínculo que os pais tinham com a escola, se a instituição era somente escola e se também era uma sociedade filantrópica, seu horário de funcionamento. Também procurei saber quem eram de fato os funcionários e quem era voluntário e, por último, se a escola possuía livros ou pelo menos se tinha algum lugar que fosse parecido com uma biblioteca.

Após conhecer a realidade em que os discentes estavam inseridos, comecei a elaborar uma proposta de planejamento, levando em consideração o seguinte desafio: “Uma escola que possa aproximar-se de cada um e ajudar cada um a progredir.” (SOLÉ e COLL, 2009, p. 15)

6.1 Primeiro dia

No primeiro dia de aula, apresentei-me para a turma, conversei com cada um, perguntei se alguém gostava de ler e como era a relação deles com o livro.

Após essa conversa descontraída, falei da proposta que estava querendo realizar com eles e perguntei se todos poderiam contribuir para que durante aquelas três semanas pudéssemos aproveitar ao máximo, tanto eu quanto eles. Fizemos algumas regras de convivência que iriam valer durante aquele período que iríamos passar juntos. Enquanto eles sugeriam as regras, eu anotava no quadro negro para depois passar para o papel chumbo e colocarmos na parede.

Nosso horário foi das 14h às 17h. Para que eu pudesse saber o nome de cada aluno, antes de iniciarmos as atividades, confeccionei crachás. Depois disso, trabalhei com os alunos a primeira atividade do projeto, denominada “*Leitura compartilhada*”.

A atividade incluiu as seguintes etapas:

Criei o baú de leitura, utilizando uma caixa de papelão coberta com algumas folhas de EVA, com detalhes de jornal, com decoração para que pudesse chamar a atenção dos alunos. Dentro desse baú havia vários livros e revistas, voltados para diversos públicos: textos longos, curtos, livros mais infantis, com predominância de figuras ou livros mais avançados, com menos imagens. Os alunos decidiram livremente o que queriam de fato ler ou apreciar naquele dia. Ao final da tarde, perguntei se alguém queria falar alguma coisa sobre o que mais gostou nos livros que foram lidos, para ser possível saber se compreenderam alguma coisa.

Figura 1: Apresentação do baú de leitura



Fonte: Acervo da autora

A atividade de leitura compartilhada foi adotada no primeiro dia porque, uma vez que era o primeiro contato que estava tendo com os discentes, eu queria ter uma noção de como era o gosto dos alunos e se realmente havia crianças que gostavam de ler ou não. Com esse tipo de atividade, já no primeiro dia eu saberia

diagnosticar se seria possível permanecer com o projeto do jeito que estava ou se teria que alterar alguma coisa, já que o projeto tem que ser flexível, pois temos que trabalhar com cada realidade em que o aluno está inserido. Esta flexibilidade está de acordo com a definição do que é uma educação de qualidade: “Planejar, proporcionar e avaliar o currículo ótimo para cada aluno, no contexto de uma diversidade de indivíduos que aprendem” (WILSON apud SOLÉ e COLL, 2009, p. 15).

As atividades utilizadas neste primeiro dia, com ênfase na leitura compartilhada, incentivaram os alunos a desenvolver a estratégia de previsão, visto que cada criança examinava livremente os livros e revistas do baú de leitura e, de acordo com os seus conhecimentos prévios, escolhia aquilo que mais lhe interessava.

6.2 Segundo dia

Após ter passado o dia anterior com a turma, analisando como eles iriam reagir a esse projeto de leitura, dei continuidade ao cronograma das aulas seguintes. Nesse dia propus uma nova atividade, denominada “*Contação de história e construção da história a partir de objetos*”. A atividade teve início com a “caixa literária”, acompanhada do livro “A descoberta da Joaninha”, de Bellah Leite Cordeiro. Nesse segundo momento da leitura incluí a contação de histórias, por saber que os alunos não resistiriam a ela. Praticamente toda criança, não importando sua idade, gosta de uma história bem contada ou de um texto informativo que seja bem apresentado.

Para a contação de histórias é importante o uso da criatividade, para despertar na criança primeiramente o interesse de se divertir. O que virá depois é consequência, contanto que o professor tenha em mente uma proposta didática que favoreça o interesse do aluno.

Uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referência que cada um possui, quanto mais “viagens” a imaginação fizer, tanto mais aumentará o arquivo referencial e, conseqüentemente a criatividade (DOLME, 2010, p. 19).

Para que a imaginação dos alunos fluísse e a história ficasse mais interessante, sem cansar o espectador, usei como recurso uma caixa, dentro da qual havia alguns objetos que faziam parte da história, como, por exemplo, uma fita de

cabelo, uma faixa de cintura, uma pulseira e um leque. Outro detalhe que vivenciamos no momento da história foi o espaço de tempo que tivemos para concluir a contação de história: é muito importante não demorar mais do que 10 minutos.

Para o trabalho com a obra “A Descoberta da Joanelha”, os objetos que foram utilizados foram colocados dentro de uma caixa para que os alunos fizessem referência ao enredo e, conforme eu os retirava, as crianças diziam que papel os elementos teriam na história. Ressalto que a atividade de construção da história a partir de objetos ocorreu antes que os alunos lessem ou mesmo vissem o livro.

A participação ativa das crianças na atividade teve um efeito positivo para que eles interpretassem a obra. É importante ressaltar as interpretações eram variadas, tendo sido, portanto, importante para que eles mesmos descobrissem que a opinião de cada um é valiosa. A minha interação para envolver a turma na história, motivando-os a se envolver com a atividade, resultou em alguns questionamentos, como por exemplo:

Qual é o objeto?

O que será que o objeto tem a ver com o enredo?

Para esse tipo de leitura em voz alta, Silva (2005) sintetiza chamando a atenção para a importante conscientização do professor quanto ao proveito que a criança irá ter, já que dentro desse viés a criança aos poucos vai criando a consciência da escrita. Da mesma forma, Carvalho (2013) defende que os professores não devem separar o processo de alfabetização do processo de letramento, uma vez que os dois precisam caminhar juntos. “Ao ouvir os textos lidos em voz alta, as crianças vão criando consciência dos aspectos da expressão escrita e, ao mesmo tempo, menor relutância para se autoexpressarem”. (SILVA, 2005 p.98).

Para que os alunos tomassem consciência dos aspectos da escrita, eu precisava pensar em algo para que eles pudessem de alguma forma, representar o livro proposto. Dentro do planejado, a história da Joanelha teria que terminar naquele dia, mas não foi possível. Como não podia ficar presa ao planejamento, já que este é apenas uma base para me situar nas questões a serem propostas, o que foi planejado para esse dia teve continuidade no dia seguinte.

A continuação da história deu-se por meio da montagem de um quadro de personagens. Essa forma de analisar a história na compreensão dos alunos aconteceu dessa forma: Cada aluno, já tendo conhecimento da história e tendo explorado algumas coisas dentro dela, descrevia como era a dona Joaquina antes de ir para a festa da Lagartixa e após a festa da Lagartixa. Os alunos também deveriam descrever as atitudes dela e seus feitos.

Algumas questões para iniciar a atividade na cartolina foram as seguintes:

- *Como a dona Joaquina estava indo para a festa da amiga Lagartixa?*
- *Quais os objetos que dona Joaquina usava para se arrumar?*
- *Se um amigo estivesse precisando de você como a dona Joaquina, o que você faria?*
- *Cite algumas atitudes concretas que você já fez por um amigo.*
- *Você acha amizade importante?*
- *E cuidar desse amigo para que todos possam estar juntos, é importante também?*

Após analisarmos os questionamentos oralmente, concluímos essa parte do projeto construindo o quadro dos sentimentos. Os alunos expuseram seus sentimentos em relação a como eles poderiam fazer para ajudar o próximo. A sala foi dividida em grupos e cada grupo era composto por mais ou menos seis alunos. A forma de apresentar o que entenderam da história variava de acordo com a criatividade de cada grupo: eles poderiam usar a produção de textos ou mesmo representar suas ideias por meio de desenhos. Os resultados foram além das minhas expectativas, pois foram feitas produções de textos e desenhos bastante criativos.

As atividades do segundo dia possibilitaram trabalhar as quatro estratégias de leitura citadas. No momento em que utilizei a “caixa literária”, os alunos exercitaram a estratégia de previsão, pois tentavam imaginar, a partir de suas experiências pessoais, qual seria o conteúdo da história que seria trabalhada. Durante a contação da história, os alunos puseram em prática estratégia de verificação, pois eles puderam verificar se o que eles haviam previsto estava correto ou não. Em seguida, a montagem do quadro de personagens permitiu que eles trabalhassem a estratégia de seleção, pois eles tinham que escolher quais aspectos

da leitura foram mais relevantes para eles. Por último, as questões aplicadas ao final da atividade contribuíram para que as crianças exercitassem a estratégia de inferência, pois ao questionar, por exemplo se os alunos achavam a amizade importante, eles tinham que “procurar” informações que não estavam explícitas no texto.

Figura 2 - Alunos ouvindo a contação de histórias



Fonte: Acervo da autora

6.3 Terceiro dia

Para a leitura do livro “O Mistério do Coelho Pensante”, da autora Clarice Lispector, utilizamos a atividade denominada “*varal de histórias*”. Utilizei uma faixa sobre o título do livro, pedi aos alunos que fizessem a leitura da capa por meio da ilustração, com isso foram feitas algumas antecipações sobre a história.

Solé (1998, p. 107) ressalta que para estabelecer previsões, nos baseamos nos mesmos aspectos, como “superestrutura, títulos, ilustrações, cabeçalhos etc.” Anotei algumas falas dos discentes sobre os possíveis temas da história na lousa:

- *De um coelho na floresta*
- *Um coelho imaginando alguma coisa*
- *Um coelho perdido na floresta à noite*
- *O coelho sonhador*
- *O coelho gosta de passear*

Ao pensarem como seria a história, os alunos utilizaram do conhecimento prévio, antecipando o que viria a acontecer com o enredo. Após as crianças

conhecerem o livro e a história, perguntei aos estudantes a opinião de cada um se mudariam o título da história ou se o título proposto pela autora Clarice Lispector era o ideal. A reação das crianças foi diversa, uns diziam que o que falaram estaria mais de acordo, principalmente uma criança em especial, que disse que seria o coelho que gosta de passear, já que realmente a história fazia essa ligação do coelho que saia todos os dias sem que a dona percebesse. Outros alunos ficaram surpresos com o que aconteceu na história.

Interagir com os estudantes mostra a importância que a opinião deles tem. É importante inclusive permitir que eles intervenham na leitura, pois assim o professor pode contribuir na formação leitora do aluno.

As atividades deste terceiro dia se concentraram especialmente nas estratégias de previsão e de verificação: inicialmente, os alunos tentaram adivinhar o tema da história e depois verificaram se seus palpites foram acertados ou não.

6.4 Quarto e quinto dias

Para a leitura do livro “O Bolo de Natal”, da autora Elza Fiúza, realizamos a atividade “Cartaz Enigmático”. A execução desta atividade exigiu dois dias. A sala foi dividida em grupo para dar início à leitura do livro. Para essa tarefa, cada grupo tinha um exemplar da obra. Com o auxílio de papéis coloridos, os alunos faziam as anotações necessárias, sobre como cada grupo entendeu o texto. Durante a leitura, fizemos um quadro literário. Cada aluno pôde entender os fatores estruturantes que compõem uma narrativa (espaço, personagens, o narrador, tempo, problema e o desfecho). Após a leitura, para finalizar as atividades daquele dia, construímos um canteiro solidário. Confeccionamos flores de EVA e, com o auxílio de palitos de picolé, cada aluno escrevia sobre seus sentimentos em relação a como poderia fazer para ajudar a escola, família e seus professores.

Figura 3 - Canteiro solidário



Fonte: Acervo da autora

Cada estudante, individualmente, interrogou sua própria compreensão, estabeleceu relações entre o que leu e os seus conhecimentos prévios, dentro daquilo que afirma Souza (apud SOLÉ, 2009 p. 99):

Depois da leitura é o momento em que o leitor pode avaliar o livro e as atividades realizadas e, por isso, o educador pode oferecer aos alunos questionários orais ou escritos como atividade de ensino e efetuar avaliação da compreensão leitora dos alunos.

Não deixar os alunos “soltos” é importante. Trabalhar as atividades na sala de aula de forma divertida e descontraída não significa deixar o aluno fazer o que quiser, mas sim ser acompanhado e orientado pelo professor. O docente precisa saber o momento certo de pedir um retorno do aluno. A avaliação não será também somente nesse momento, e sim processual, de forma que o registro das atividades é fundamental.

O foco das atividades no quarto e no quinto dias foi a estratégia de seleção, visto que os alunos precisavam resumir a história trabalhada, apontando seus principais pontos.

6.5 Sexto dia

No sexto dia, antes da leitura motivei a turma, utilizando como meio o diálogo, querendo saber dos alunos se poderíamos continuar com o projeto da forma que estava sendo organizado. Esses momentos de saber o que o aluno está pensando a respeito da metodologia do professor são importantes. Já tinha se

passado uma semana que estávamos juntos, então seria interessante a opinião deles já que os discentes são os principais interessados no processo de aprendizagem. Após essa breve conversa, dei continuidade ao projeto para aquele dia.

Para introduzir a história do livro “Fiz o que pude”, de Lucília Junqueira de Almeida Prado, procurei ampliar os conhecimentos dos alunos a partir do título do livro. Pedi que eles dissessem, antes de sabermos sobre o conteúdo do livro, se eles já fizeram alguma coisa por alguém e porque fizeram. Nessa perspectiva, se o estudante utilizar os seus conhecimentos de mundo para a compreensão do texto, atribui significados para outro momento.

O conhecimento prévio é muito importante [...] Porque a graça não reside em saber o que o texto diz, mas em saber o necessário para saber mais a partir do texto [...] Se o leitor possuir um conhecimento adequado do mesmo, terá muitas possibilidades de poder atribuir-lhe significado. (SOLE, 1998, p. 103).

Durante a leitura do livro, fizemos um “rodízio de leitura”, em que cada criança compartilhava da leitura umas com as outras. Mesmo sabendo que seria um desafio trabalhar de forma compartilhada, pois os alunos teriam que dividir com o outro e teriam que esperar a vez do outro, eles compreenderam que era possível e que todos na sala saíam ganhando com aquela proposta. Ao final, todos participaram com afincos.

Procurei inserir atividades que estimulassem a participação e a interação nas aulas porque esta é uma maneira de não somente trabalhar habilidades de interpretação e compreensão textual, mas também, transmitir valores que na maioria das vezes a criança não recebe no âmbito familiar. Neste caso específico, eles aprenderam que esperar a vez do outro é também uma forma de transmitir valores.

Figura 4 - Criança lendo com atenção



Fonte: Acervo da autora

Ao término do livro, fizemos uma atividade, como meio de dinamizar mais a leitura, para que a aula não ficasse cansativa. Para o início da dinâmica, fizemos uma roda de leitura no chão, com o auxílio de algumas bolas de assopro. Cada bexiga continha um nome de algum animal. Depois que os alunos estavam com as bexigas, eles as estouravam e tinham que falar o nome do animal. Em seguida, tinham que elaborar uma situação em que este animal poderia ajudar os outros animais da floresta. O ambiente para o animal ajudar poderia ser qualquer um, mas a turma decidiu a floresta, por ser o *habitat* dos animais. Aproveitamos o ensejo, mesmo não estando no cronograma das atividades, para falarmos sobre a preservação ambiental.

Em relação a este fato, acredito ser relevante o professor ser flexível para sair do cronograma e abordar assuntos que surjam de forma espontânea, como foi o caso da preservação ambiental, citada pelos alunos quando falávamos da floresta. Esta postura está em consonância com o que defende Porcacchia (2009, p. 38):

Podemos lembrar que tínhamos como instrumento principal, mas não o único, a leitura de histórias de literatura infantil. Vários livros, com diferentes histórias, que tratavam de questões diversas, eram levados às sessões e as crianças os manuseavam livremente, permitindo-se sempre um espaço de liberdade e de confiança.

Da mesma maneira, Souza (2009, p. 118) defende a postura do professor em seu papel de professor-mediador e aluno ativo:

Ao ler as obras, os alunos conseguem se comunicar com o texto, explorando e retirando deste diferentes potencialidades. Ao professor cabe ser o intermediário desse processo de diálogo entre o estudante e o livro.

Portanto, a leitura não pode ser fechada somente na proposta que o professor oferece ao seu aluno, mas também deve deixá-lo livre para explorá-la de diversas maneiras.

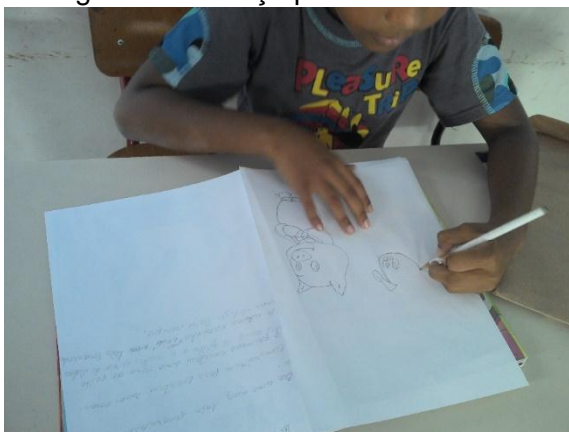
No sexto dia, a primeira estratégia trabalhada foi a de previsão ou antecipação, uma vez que os alunos foram estimulados a antecipar elementos da história. Após a leitura, as atividades tiveram como foco principal a estratégia de inferência, pois os alunos foram incentivados a dar exemplos do que eles poderiam fazer para ajudar os outros, caso fossem animais, algo que está em consonância com a história do livro, mas de maneira indireta.

6.6 Sétimo dia

A obra “As Cores de Laurinha”, de Pedro Bandeira, também foi selecionada para o projeto. Este livro teve uma repercussão grande na turma, principalmente porque tratava de coisas simples da vida cotidiana das pessoas. O livro conta a história de Laurinha, gostaria de presentear sua mãe, a pessoa que ela mais ama, com o presente que sua mãe mais queria, uma bolsa dourada. Só que, para a surpresa da turma, essa não era a parte mais emocionante da história, e sim a criatividade que a menina usou para poder comprar o presente.

Para começar a trabalhar com este livro, pedi que os estudantes contassem algum fato que tenha marcado a vida deles em que eles tiveram que usar a imaginação e a criatividade para poder conquistar seu objetivo. Após esse diálogo informal, iniciei a leitura do livro. A leitura foi feita em voz alta, e depois de termos assimilado e compreendido o que o autor da história queria transmitir, construímos alguns contos inspirados no personagem do livro, sendo que o personagem principal desses contos era o próprio aluno. Para que não ficássemos somente na produção do conto e na apresentação à turma, construímos um “livrão de contos”, reunindo todos os 49 contos e ilustrações produzidos pelos alunos.

Figura 5 - Criança produzindo conto



Fonte: Acervo da autora

A produção dos contos está de acordo com o pensamento de Solé, segundo a qual os alunos adquirem habilidades através da escrita e da leitura:

Quando se trata do ensino, é importante levar em conta que apesar de as crianças possuírem- como já vimos- numerosas e relevantes conhecimentos sobre a leitura e a escrita, o tipo de habilidades que poderão adquirir. (SOLÉ,1998, p. 59).

É muito comum, entretanto, ver que muitas escolas valorizam o ensino da escrita e da leitura de forma mecânica, deixando de lado o mais importante, a compreensão do texto. A seguir, são apresentados alguns dos trabalhos produzidos pelas crianças:

Transcrição do conto "Perigo no mar", de autoria do aluno Carlos (nome fictício):

"Era uma vez, um garoto no mar. Aí ele entrou no barco e foi até o fundo do mar, mas tinha uma coisa grande no fundo do mar que media uns 14 metros de altura e adulto mede até 30 metros.

Esse garoto se chama Beowulf, um caçador de monstros. Passou 12 anos procurando monstros e viajou uns dias e chegou em Teralútia. Beowulf encontrou uma guerreira que se chamava Bela. Caminhou, caminhou, já se passaram dois dias, logo na frente encontrou uma caverna grande. Pois tinha um rio, eles dois entraram no rio e algo puxou para o fundo do rio e engoliu.

Quando foi tentar sair de dentro da fera, nadou para cima, quando chegou lá em cima, ele viu que não estava no rio estava no mar. Dentro da fera tinha um barco menor e eles empurraram para cima. Passaram quatro dias navegando, navegando e encontraram um redemoinho grande e pararam numa caverna, caminharam, caminharam. Eles encontraram um cara chamado Ercules. Ele era um cara que foi guerreiro na Grécia.

Logo na frente deles um dragão de duas cabeças de quatro olhos e media 7 metros. Ercules com sua espada subiu numa montanha de pedras e pulou em cima do dragão com sua espada no dragão bem no coração.

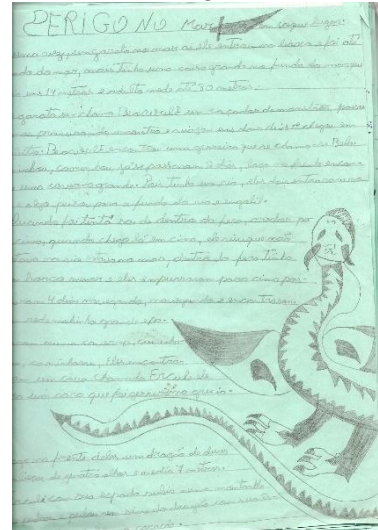
Bem, Beowulf subiu no dragão na hora que o dragão foi soltou fogo. Beowulf pois, subiu com sua espada cortou a cabeça do dragão. Pois, quando eles olharam para trás cinco ovos de dragão. Eles pegaram suas espadas e cortaram em partes menores.

Caminhando, caminhando entraram na floresta. Eles foram caçar umas aves para comer, pois saiu da floresta e foram escalar no monte de pedra, quando subiu lá o vento era tão forte. Bela escorregou e quase caindo de sete metros de altura.

E viajaram para a aldeia, quando chegaram lá estava tudo destruído e ninguém sobreviveu. Bela estava tendo uma relação com Beowulf. Beowulf levou Bela nos braços até a cama e ficaram namorando.

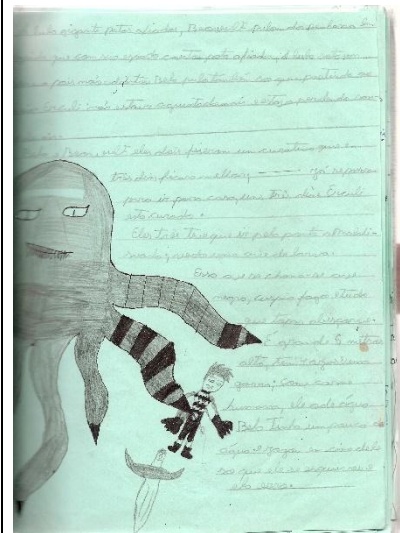
Ercules escutou um barulho estranho. Ele se

Figura 6 - Primeira parte do conto "Perigo no mar"



Fonte: Documento do aluno

Figura 7 - Segunda parte do conto "Perigo no mar"



Fonte: Documento do aluno

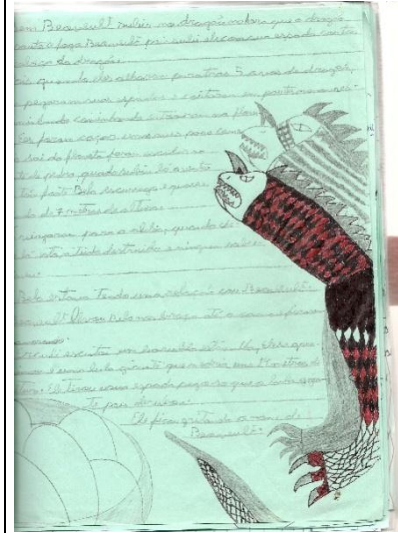
aproximou e uma lula gigante que media 14 metros de altura. Ele tirou sua espada, pegou, só que a lula gigante pois derrubou. Ele ficou gritando o nome de Beowulf.

A lula gigante patas afiadas, Beowulf pulou do penhasco bem rápido que com sua espada cortou a pata afiada. A lula soltou um veneno, pois, não adiantou. Bela pulou também, só que partindo ao meio. Ercules não estava aguentando mais estava perdendo sangue demais.

Bela e Beowulf. Eles dois fizeram um curativo que em três dias ficou melhor. Já se passaram para ir para casa, uns três dias Ercules estava curado. Eles três tiveram que ir pela ponte amaldiçoada, vendo uma ave de larva. Essa ave se chama ave negra, cuspiam fogo e tudo que topar absorve.

E grande cinco metros de altura, tem 4 asas e uma garra, come carne humana. Ele odeia água. Bela tina um pouco de água e jogou em cima dela só que ela se esquivou e ela errou.

Figura 8 - Terceira parte do conto "Perigo no mar"



Fonte: Documento do aluno

Figura 9 – Ilustração da aluna Rafaela (nome fictício) para representar o conto "O mistério do coelho pensante", de Clarice Lispector



Fonte: Documento do aluno

Transcrição do conto "Caçadores de amizades", de autoria do aluno Bruno (nome fictício):

“Era uma vez dois garotos chamados de Gil e Niki. Eles eram grandes amigos. Mas um dia Niki teve que se mudar. Eles continuaram a amizade entre cartinhas. Conheceram novos amigos. Nick morou no meio de uma floresta, de repente ele ouve um garoto chorando na mata e resolveram tornarem-se amigos. Ficaram brincando no local depois de algum tempo Nick perguntou:

- Porque você estava chorando?

O garoto respondeu:

- Eu me sinto um pouco sozinho sem amigos.

Nick pensou por um tempo e disse:

- Volto já!

Ele trouxe uma barraca para acampar e disse:

- Vou ficar com você essa noite.

Então começaram a montar a barraca, assim que amanheceu o menino da floresta, não estava mais lá.

Nick ficou assustado e foi procurá-lo.

Nick, de repente viu uma pequena vila, com poucos moradores. Nessa vila, morava também, o pai do menino e sua mãe. Nick falou:

- Já dá pra ver que você não tem muitos amigos.

Nick, voltou correndo pra casa arrependido porque estava muito longe de casa. Nick, tentando voltar para casa, encontra o menino novamente e perguntou:

- Qualé seu nome?

O garoto respondeu:

- Miguel.

- O Miguel sabe o caminho para minha casa?

- Sim, vem comigo.

Nick e Miguel estavam indo pra casa de Nick. Assim que chegaram Nick ofereceu uma noite na casa dele para dormir. Miguel respondeu que sim, mas muito obrigado, não posso.

- Venha algum dia para minha casa.

Passaram alguns meses e nem um sinal do Miguel. Nick ficou preocupado sem ver o Miguel. Nick falou com o pai:

- Pai, lembra daquele amigo Miguel?

- Sim!

- Você viu ele pela vila?

- Não. Eu vi ele com outro amigo.

Nick, falou:

- Eu acho que foi bom ele ter achado outro amigo. Ele se sente sozinho sem amigos. Agora vou eu vou fazer uma carta para o meu amigo Gil.

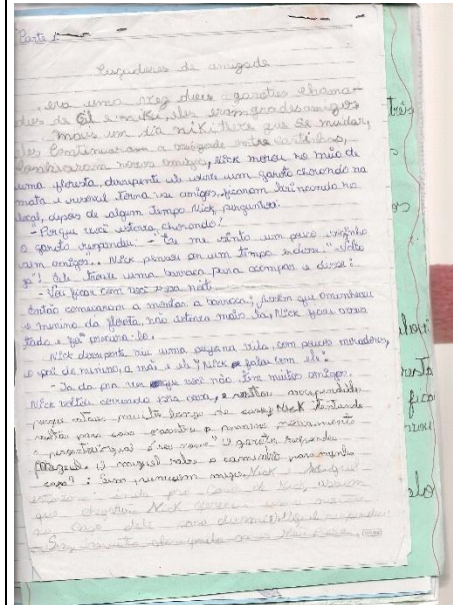
Passaram dois dias e Miguel chamou Nick para falar uma coisa.

- Nick, obrigado por me ajudar esses três meses por ser meu amigo e por me convidar à sua casa.

Nick, falou:

- Por nada. Você é só um amigão que eu nunca vou esquecer.”

Figura 10 - Conto “Caçadores de Aventuras”



Fonte: Documento do aluno

As atividades do sétimo dia trabalharam a estratégia de previsão no momento em que os alunos foram indagados sobre quando eles agiriam com criatividade para atingir algum objetivo. Após a leitura, ao escreverem os contos, os alunos trabalharam tanto a estratégia de seleção, já que as crianças retiraram

elementos da história lida para construírem seus próprios contos, quanto a estratégia de inferência, visto que muitos dos temas abordados pelos alunos estava subentendido na história lida.

6.7 Oitavo dia

Para a organização do projeto de leitura, eu me preocupava com o espaço que poderia oferecer para os alunos todos os dias. Desta forma, para o oitavo dia, uma vez que o projeto estava chegando ao final, preocupando-me que aqueles momentos ficassem marcantes na vida dos discentes, como não tinha recursos financeiros para comprar TNT, aproveitei alguns retalhos que sobrou de algumas apresentações da escola onde estava trabalhando e foi possível, com a ajuda de uma costureira da minha família, confeccionarmos um tapete colorido que foi colocado no chão da sala.

Formamos uma roda, com todos os alunos sentados sobre o tapete. Depois de um tempo, os alunos começaram a se sentir tão à vontade, que alguns se deitaram sobre o tapete. Esse espaço se tornou importante, porque através desse ambiente favorável e confortável, os alunos puderam refletir sobre o que estavam lendo, proporcionando momentos de prazer para todos.

Figura 11 - Tapete da leitura

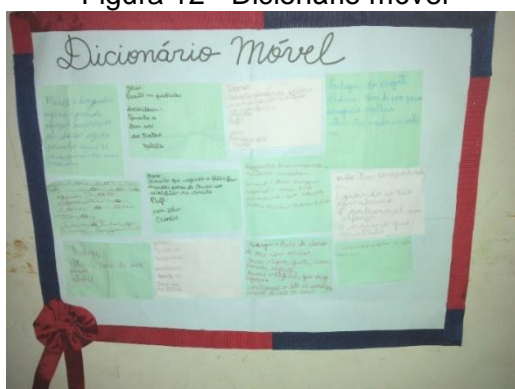


Fonte: Acervo da autora

Antes de iniciarmos a leitura do livro “O menino que vendia palavras”, de Inácio de Loyola Brandão, primeiramente sondei a turma perguntando se eles tinham alguma curiosidade para conhecerem palavras desconhecidas que encontramos nos livros e se tinham dificuldades em interpretá-las. Ao final da discussão realizada entre os alunos, a proposta de atividade para aquele dia era que

nós iríamos trabalhar em grupo e, com a distribuição de alguns livros, poderíamos usar como suporte o dicionário para fazermos nossa pesquisa, nossa “caça às palavras”.

Figura 12 - Dicionário móvel



Fonte: Acervo da autora

Transcrição de parte do dicionário móvel:

“Mercê = largado

Afixo = prende

Afaga = acaricia

Pêndulo = objeto pesado que se movimenta em vai-e-vem.”

Durante a leitura do livro “O menino que vendia palavras”, além de conhecermos a história do livro, íamos pesquisamos algumas palavras desconhecidas que o grupo achava interessante.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000, p. 53) defendem a prática da leitura como a principal ferramenta para os alunos desenvolverem habilidades na escrita e, também, habilidades para eles se tornarem leitores aptos.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos oferece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a construção de modelos: como escrever. (BRASIL, 2000, p. 53).

Durante o processo de alfabetização, que é a base para a formação de um aluno que aprenda o que está sendo ensinado, os professores não devem

somente fazer uso de métodos alfabetizadores, mas ampliar para o aluno o mundo da leitura. A alfabetização, desta forma, será uma consequência da metodologia que o professor utiliza com a prática da leitura.

As atividades do oitavo dia exercitaram nos alunos as seguintes estratégias:

- a) Previsão, pois eles tiveram que pensar em palavras que eles tinham dificuldade em interpretar;
- b) Verificação, ao confrontar as suas expectativas com aquilo que eles leram no livro;
- c) Seleção, pois, ao elaborar o dicionário móvel, eles tiveram que selecionar algumas palavras, de acordo com a percepção de cada um.

6.8 Nono e décimo dias

Nos dois últimos dias que faltavam para concluir o projeto, propus para a turma que organizássemos um teatro. Como os alunos tinham escrito contos no sétimo dia, achei viável que pegássemos um dos contos para adaptar o texto em uma peça teatral. A adaptação foi feita pelos próprios alunos, sob a minha orientação.

A turma escolheu o conto “Caçadores de Amizade”. Eles mesmos se dividiram entre personagens, figurinista e narrador. Todos os alunos participaram ativamente. A ideia original era apresentarmos a peça de teatro para a escola, mas a turma não aceitou, então apresentamos somente para a própria classe. É importante frisar que o que levei pronto do teatro foi a parte de figurino, mas desde o cenário ao desfecho da peça, tudo foi realizado pelos próprios alunos. Foi uma maneira de dar confiança e liberdade para a turma. Meu papel era fazer a intermediação onde fosse preciso. Uma das minhas preocupações para o encerramento do projeto era deixar na mente deles a marca da leitura. A turma levou de brinde algumas revistinhas em quadrinhos, uma forma de incentivar que daquele momento em diante eles pudessem seguir o seu próprio caminho de leitura.

As atividades do nono e do décimo dias se concentraram principalmente nas estratégias de seleção e inferência. Os alunos tiveram que selecionar um dos contos que eles mesmos construíram para ser o tema da peça de teatro. Além disso, ao trabalhar os detalhes da peça, eles tiveram que ir além do que estava no texto, trabalhando elementos ocultos ou subentendidos, exercitando a sua imaginação e a sua capacidade enquanto leitores.

Figura 13 - Crianças organizadas para o teatro



Fonte: Acervo da autora

7 CONCLUSÃO

No primeiro dia, foi possível perceber que, através da atividade “leituras diversas”, os alunos criaram habilidades para a iniciação da formação leitora de forma individualizada. Verifiquei que um dos resultados da atividade foi que os próprios alunos tomaram a iniciativa de pegar revistinhas em quadrinhos e sentarem sozinhas para ler. Outro aspecto primordial foi a prática do diálogo entre os alunos e o docente, já que ela não era comum na relação professor aluno ou vice-versa, por se tratar de uma escola que trabalha de forma tradicional.

Outro destaque foi a caixa literária, atividade para a qual foram necessários dois dias, por incluir diversas etapas. Para essa atividade, utilizei o livro, “A Descoberta da Joaninha”, de Bellah Leite Cordeiro. Para esse segundo momento usei como suporte a contação de histórias. As crianças ficaram atentas no que poderia acontecer no final da história, e para a minha surpresa, os questionamentos que as crianças mais faziam eram quanto aos objetos que foram utilizados como auxílio do conto. Esse foi o ponto auge do segundo dia, porque os alunos se divertiram, usaram a imaginação, já que em todo o momento a participação deles era constante, ou seja, eles não eram apenas espectadores.

Já no quarto e no quinto dia, as atividades foram o “Varal de história”, com o livro “O mistério do coelho pensante” de Clarice Lispector, e o “Cartaz Enigmático”, com o auxílio do livro “O Bolo de Natal” de Elza Fiúza. Com essas atividades diferenciadas foi possível perceber que trabalhar em grupo para os alunos foi novidade. Mesmo tendo havido algumas resistências no início, já que para eles era difícil mudar as cadeiras da posição em que eles sempre estudavam. Os alunos se mostraram solidários com os outros e tiveram muitos momentos de companheirismo durante as duas atividades, compartilhando suas tarefas e estabelecendo relações entre suas vidas e o enredo das histórias.

Durante a observação prévia, antes de iniciar o projeto de leitura, pude observar os seguintes pontos em relação às características dos alunos:

- ✓ Autoestima baixa;
- ✓ Falta de interesse para aprender;
- ✓ Preocupação em querer ficar o tempo todo sentados;
- ✓ Eles não gostavam de expor sua opinião;

- ✓ Em alguns momentos, ao invés de registrar as atividades ou fazer desenhos, alguns dos alunos se preferiam copiar do livro;
- ✓ Alguns alunos eram bastante resistentes na hora de trabalhar em grupo;
- ✓ Nível de timidez bastante elevado por parte de alguns alunos;
- ✓ As crianças apresentavam-se muito ansiosas, sem nenhum interesse para ler ou escrever.

Tendo percebido, após o término do projeto, que as crianças se desenvolveram mais através das atividades que foram abordadas, perguntei aos alunos, de maneira informal, do que eles gostaram e o que eles aprenderam no decorrer daqueles dias. As anotações foram feitas no quadro negro da sala de aula. Eu não havia planejado essas perguntas, mas percebi a importância de saber a opinião dos meninos, até como forma de me auto avaliar e avaliar os resultados do projeto.

As observações dos alunos foram as seguintes:

Tabela 1: Observações dos alunos

| Aluno | Observação |
|--------------|---|
| A1 | Melhorou minha leitura |
| A2 | Foi importante a forma que foram aplicadas as atividades, principalmente a paciência. |
| A3 | Estou com mais vontade de ler gibis |
| A4 | Fiquei com um vício de ler. |
| A5 | Estou com mais paciência com os livros. |
| A6 | Foi importante quando não souber o significado das palavras para ter mais vontade de ler. |
| A7 | Foi importante porque estou levando para minha vida o hábito da leitura. |
| A8 | Aprendi mais a inventar contos e histórias. |

Fonte: Acervo da autora.

Outro ponto forte para minha pesquisa que também não estava no planejamento: os alunos tiveram a iniciativa de levar livros para casa todos os dias. Elaborei uma lista dos nomes dos alunos que aderiram à proposta. No mesmo dia somente uns quatro alunos quiseram fazer a experiência, mas a partir dos dias seguintes, a lista foi aumentando, devido à influência dos colegas de sala. Se algum colega queria o livro do outro, havia uma combinação entre eles, para emprestar o livro.

A tabela 2 a seguir demonstra a quantidade de livros e gibis lidos pelos alunos durante o projeto:

Tabela 2: Livros lidos pelos alunos

| Identificação Do aluno | Quantidade de livros lidos |
|------------------------|----------------------------|
| A1 | 5 |
| A2 | 10 |
| A3 | 18 |
| A4 | 4 |
| A5 | 2 |
| A6 | 14 |
| A7 | 10 |
| A8 | 8 |
| A9 | 8 |
| A10 | 10 |
| A12 | 16 |

Fonte: Acervo da autora.

Em relação ao empréstimo de livros, a aluna identificada como “A10” compartilhou que tinha gostado tanto de levar os livros para casa que sua mãe ficava chamando-a para fazer as atividades diárias e ela não conseguia se desprender dos livros enquanto não terminasse a história.

Outro ponto a ser observado é que as crianças, no início do projeto, como já foi mencionado, não se mostravam dóceis no sentido de querer emprestar algo para o colega, ou, como escrevi, não gostavam de trabalhar em grupo. No tocante aos livros, quando surgiu o momento de um emprestar ao outro, minha interferência não foi necessária como eu achava que seria, ou seja, eles mesmo resolveram a situação entre si.

No final do projeto, percebi que após muito esforço, tanto por parte das crianças, quanto da minha parte, as atividades aplicadas conseguiram motivar os alunos e possibilitaram que eles exercitassem de maneira bastante efetiva as estratégias de previsão ou antecipação, verificação, seleção e inferência.

No planejamento, procurei equilibrar as atividades de forma que permitissem que os alunos trabalhassem as estratégias antes, durante e depois da leitura. Este procedimento revelou-se acertado, pois foi possível perceber a diferença entre a capacidade de previsão dos alunos (estratégia utilizada antes da leitura) na atividade do primeiro dia e do sétimo dia, quando as crianças se mostraram mais participativas e imaginativas, arriscando diversos palpites e acertando a maioria deles.

O mesmo pode ser dito em relação às estratégias durante a leitura – verificação e inferência – e após a leitura – seleção e inferência. Os alunos mostraram evolução ao verificar nos textos as suas previsões, ao selecionar os elementos principais da história e ao perceber as informações subentendidas dos livros. Desta forma, é possível perceber que as atividades utilizadas ao longo do projeto auxiliaram os alunos a fortalecer as suas estratégias de leitura, tornando-os leitores mais aptos e, ao mesmo tempo, leitores mais apaixonados pelos livros.

Acrescenta-se ainda que a grande maioria das crianças conseguiu superar as dificuldades apontadas no início, especialmente no tocante à autoestima, ao interesse em aprender e trabalhar em grupo e à superação da timidez, visto que as crianças passaram a expor a sua opinião.

Retomo aqui o raciocínio de Cosson (*apud* Souza, 2009, p.121):

[...] O leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas.

Nesse sentido, os processos e ações que foram adotados nessa pesquisa tiveram um significado valioso no processo de aprendizagem dos alunos para a formação leitora de cada um. Cabe, portanto, à escola, oferecer aos seus discentes um modo diferenciado de trabalhar a leitura, permitindo-lhes entender o que estão lendo e para que estão lendo.

Somos como uma orquestra, cada um dos instrumentos segue um ritmo, reproduz um som diferente. Numa orquestra há instrumentos pequenos e grandes, mas fará uma enorme diferença se o menor deles faltar, ou seja, a orquestra deixará de ser uma orquestra.

É importante frisar que o projeto pode ajudar os alunos a desenvolver dia após dia a concepção do valor de lermos e de criarmos o hábito da leitura, sempre respeitando o ritmo de cada discente e seu gosto de leitor. Tornar-se um leitor realmente apaixonado pela leitura, contudo, requer tempo e paciência. Mesmo considerando que o tempo em que apliquei o projeto com a turma foi curto, foi possível perceber que pude contribuir para o desenvolvimento e ampliação dos seus horizontes enquanto leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, Valério. **A formiguinha medrosa**. São Paulo: Ibep, 2007. 31p.

BRAKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Disponível em: <http://www.educarede.org.br>. Acesso em 29 de agosto de 2014. 11p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 143p.

BRASIL. **Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado**: alfabetização. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1999. 134 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 26 de outubro de 2014.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. 14. ed. São Paulo: José Olympio, 2004. 36p.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 142p.

CORDEIRO, Bellah Leite. **A descoberta da joaninha**. 26. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 24p.

CRAMER, Eugene H. e CASTLE, Marrietta. **Incentivando o amor pela leitura**. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2001. 299p.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis: Vozes, 2010. 222p.

FIUZA, Elza. **O bolo de natal**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 40p.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Primeiríssima infância - O estabelecimento de um vínculo**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento-infantil.blog.br/>. Acesso em 31 de agosto de 2014. 2p.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994. 219p.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. 102p.

KRETZMANN, Caroline e RODRIGUES, Edile M. Fracaro. A leitura na educação infantil. Trabalho apresentado no **VI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE 2006**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/>. Acesso em 29 de agosto de 2014. 15p.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva (org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 311p.

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do Coelho pensante e outros contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 78p.

NASCIMENTO, Maria Andréa S. de A. A utilização de estratégias de leitura como incentivo ao aluno a ter paixão pelos livros. Trabalho apresentado no **I Encontro Científico Multidisciplinar da Faculdade Amadeus**, 2014, Aracaju. 18p.

_____. E lá vem leitura: trabalhando Clarice Lispector com crianças. Trabalho apresentado no **2º SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE AMADEUS**, 2013, Aracaju. 16p.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Programme for International Student Assessment (PISA) - Results from PISA 2012**. Disponível em: <http://www.oecd.org/>. Acesso em 31 de agosto de 2014. 1p.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** - 7ª edição - São Paulo: Cortez, 2006. 16p.

PORCACCHIA, Sonia Saj. **Oficina de leitura como intervenção psicopedagógica: literatura e espaço potencial**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Centro Universitário FIEO – UNIFIEO, Osasco, 2009. Disponível em: <http://www.unifio.br>. Acesso em 13 de outubro de 2014. 140 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3ª ed. 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 140p.

SOLÉ, Isabel e COLL, César. Os professores e a concepção construtivista. Em: COLL, César... [et al.], **O construtivismo na sala de aula**. Trad. Cláudia Schilling; ver. Técnica Sônia Barreira. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009. p. 9-28.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.194p.

SOUZA, Silvana Ferreira de. **Estratégias de leitura para a formação da criança leitora**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/>. Acesso em 29 de agosto de 2014. 143p.

UOL EDUCAÇÃO. **Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e 'empaca' em ciências**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/>. Acesso em 31 de agosto de 2014. 1p.